

A voz da sabedoria

Estudo 11 – Cuidado, boquinha, com o que fala (Pv 15.1-7,23-32)

Recentemente, o jornal Sunday Times realizou uma pesquisa, perguntando a três mil norte-americanos sobre seus medos, e o *medo de falar em público* ficou entre os maiores temores. Na maioria das vezes não é patológico (quando é chamada de *glossofobia*), mas apenas aquela ansiedade ao ter de falar diante várias pessoas. De qualquer forma, o fato de que é tão comum indica que, no fundo, sabemos que nossas palavras importam, que temos que falar bem, e que poderemos ser cobrados por falarmos mal.

Você tem medo de falar em público? Com qual intensidade? Por que você acha que falar em público é tão temido por tanta gente?

Salomão dava grande importância às palavras. Afinal, desde o começo do Livro de Provérbios nós o vemos insistindo para que seu filho ouça o que ele tem a dizer (Pv 1.5-8) e para que ignore o que os ímpios falam (1.10-14). Na linguagem da sabedoria, “língua” e “boca” são sinônimos de *palavras*, e há inúmeros provérbios que tratam do poder que as palavras têm de fazer o mal e o bem (Pv 18.21; comp. Tg 3.10-12).

Por esse motivo, Salomão nos exorta a termos muito cuidado com aquilo que sai da nossa boca. É fácil reconhecer o poder daquilo que falamos na vida das pessoas à nossa volta: com nossas palavras podemos acalmar quem está perdendo a cabeça, ou deixa-lo ainda mais irritado (Pv 15.1); atrair nossos ouvintes à sabedoria, ou empurra-los para a tolice (v.2); nossa conversa pode vivificar ou quebrantar (v.4).

Quando damos boas notícias a alguém preocupado, por exemplo, podemos ver sua alegria e alívio (v.30; 12.25). Pense no efeito que tiveram as palavras de perdão e paz de José em seus irmãos angustiados pela culpa e medo (Gn 50.15-21); ou em como as palavras de ânimo e fé de Ezequias revigoraram seu povo, apavorado com o cerco militar de Senaqueribe (2Cr 32.2-8). Lembre as tantas vezes em que Jesus disse aos seus temerosos discípulos: não tenham medo! (Mt 14.27; 17.7; 28.5)

Você já experimentou esse poder que as boas palavras têm de nos levantar quando estamos caídos? Compartilhem com os irmãos.

O apóstolo Paulo exorta os crentes efésios (Ef 4.29) a nunca falarem coisas *torpes* (um termo usado no NT para alimentos impróprios para o consumo, estragados), mas sim coisas *boas para edificação, conforme a necessidade, de maneira a transmitir graça aos que ouvem*. Aos irmãos de Colosso (Cl 3.8-9,16) ele tanto repreende a *maledicência, a obscenidade e a mentira*, quanto incentiva a *instrução, o aconselhamento, o louvor e a gratidão a Deus*.

Então, tudo depende de se vamos decidir ser uma fonte de sabedoria para os outros, ou não (Pv 15.7)! Para nos incentivar a usar nossa língua como instrumento da sabedoria, Salomão fala do imenso valor de uma palavra boa (10.20; 25.11). Porém, seu maior valor é que ela agrada a Deus (15.26); do outro lado, as palavras más o aborrecem profundamente (22.12).

Contudo, o sábio rei deixa-nos um alerta importante: por mais que nos esforcemos para falar coisas boas, nem todos estarão dispostos a dar ouvidos. De fato, sempre haverá aquele que detesta quem lhe fala a verdade, quem o repreende, seja um amigo ou até seus próprios pais (Pv 15.5,12,32).

Até mesmo as palavras mais maravilhosas e cheias da sabedoria divina que já chegaram ao ouvido humano – “Deus perdoa pecadores por meio de Jesus Cristo” – são constantemente rejeitadas (Rm 10.15,16)! Porém, não desanimamos, pois sabemos que é somente por meio do Espírito que as boas-novas do evangelho são aceitas (1Co 2.1-2,12-13).

Pare e reflita

Você tem exercitado sua boca com sabedoria, trazendo vida?

Você costuma dizer coisas que podem ser contraditórias, quando depois você tem oportunidade de falar do evangelho àquela mesma pessoa?

Você tem usado sua boca para falar da sabedoria de Deus na salvação? Sua língua tem abençoado as pessoas com o evangelho?

Pr. Alceu Lourenço